

MR08: Antropologia e Curadoria: Dilemas e Derivas da Tradução

Coordenação: Ilana Goldstein (UNIFESP)

Debatedor/a: Leonardo Bertolossi (UNIVERITAS)

Participantes: Clarissa Diniz (Escola de Artes Visuais do Parque Lage), Alex Ungprateeb Flynn (UCLA), Alexandre Araujo Bispo (Coletivo ASA)

Resumo:

Curadores de exposições e museus potencializam obras, dão a ver e entrever para além do visual, operando não apenas com o corpo das obras, mas também com sua presença e potência, seus afetos, magia e agência. Curadores selecionam, interpretam e conectam. Atuam como tradutores, produzem a translocução de saberes e contextos. Sua tradução é produtora de diferenciações e encantamentos artísticos. Podemos aproximar a curadoria do ofício do antropólogo, mas também do feiticeiro. O antropólogo é alguém simultaneamente aquém e além, situado entre mundos: sua vocação é evocar equivocações. Essa mesa se interessa pelas convergências e tensões entre as atuações do curador e do antropólogo e suas interseções. Há exposições de arte que abarcam questões, métodos e objetos caros à antropologia; exposições etnográficas que experimentam novas formas de conceber a curadoria, por exemplo o diálogo com aqueles que serão ali representados; antropólogos que atuam profissionalmente também como curadores; curadores que pautam suas escolhas por autores e debates da antropologia. Os trabalhos dessa mesa apresentam reflexões e experiências relacionadas aos cruzamentos entre os dois campos, se interessam pelas problemáticas dos espaços expositivos, das políticas de aquisição das instituições, do estatuto dos objetos e da materialidade, assim como das curadorias compartilhadas na construção do discurso antropológico e curatorial entre mundos com lógicas singulares e não raro intransponíveis.

Seria o fim do monopólio da Antropologia?: Prática curatorial e o dialogo com outro

Autoria: Alex Ungprateeb Flynn

Sobre a aproximação do campo das artes visuais em direção a antropologia, já na década de 1990 o crítico de arte Hal Foster escrevia sobre a dita "virada etnográfica", na qual apontava para o crescente interesse de artistas e curadores por questões relacionadas a identidade e a representação. Passados 30 anos, como podemos re-pensar esta relação? Este artigo propõe uma análise especulativa sobre a característica do engajamento entre a prática antropológica e a prática curatorial, abordada através de suas diferentes formas, seja por tangenciamentos, atravessamentos, ou, por vezes, pura incompreensão mútua. Num primeiro momento serão observados pontos de conexão, tais como: desenvolvimento de relações afetivas, através da natureza presencial e processual do trabalho, na qual um artista / curador / antropólogo convida o outro a acompanhar sua prática cotidiana; um campo de trabalho com múltiplos agentes, no qual cada um tem esferas de práticas únicas e responsabilidades diversas; e, por fim, construção de uma narrativa conceitual, incluindo múltiplos agentes e posicionalidades num mesmo corpo de trabalho. Na segunda parte do artigo serão abordados pontos de contraste, ou seja, diferenças nas dinâmicas processuais entre ambas as práticas. Na medida que curadores compartilham com antropólogos o compromisso de acompanhar, mediar, negociar e, finalmente, sintetizar, há, porém, na prática curatorial um compromisso distinto, o de deixar uma comunicação em aberto. Por meio de recursos da linguagem textual, visual e espacial, busca construir uma narrativa - respeitando a intenção do artista - enquanto visa estimular o visitante/leitor a participar num campo subjetivo "open-ended". Desta forma, este artigo se propõe a analisar as práticas antropológicas e curatoriais através de suas posicionalidades, motivações e éticas próprias, apontando para as diferentes

formas de criação e comunicação do conhecimento.

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

